

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

## A HISTÓRIA DA INTERPRETAÇÃO NA PERSPECTIVA REFORMADA

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

Matheus Negri<sup>1</sup>

Augustus Nicodemus tem por objetivo escrever um livro que possa auxiliar o estudante bíblico brasileiro, já que, segundo o autor, o contexto brasileiro carece de obras sobre o assunto. Deixa claro desde o começo seu ponto de vista reformado, seguindo na esteira dos reformadores quanto à infalibilidade e inspiração da Bíblia, quanto à primazia do método gramático-histórico, que, segundo o autor, é o único a abranger todos os requisitos para uma interpretação adequada. Desta maneira, sua obra interage de forma crítica ante as outras hermenêuticas.

O autor possui um posicionamento claro e sólido, é um dos proeminentes teólogos da teologia reformada no Brasil, então não seria de se admirar que evidenciaria desde o prefácio que defenderia sua causa ante todas as possibilidades de métodos hermenêutico-exegéticos no decorrer da história da interpretação bíblica. Sua tese principal é a de que o método gramático-histórico é o melhor método para a abordagem consciente das Escrituras, e com maestria trabalha o debate com os métodos apresentados na chamada pós-modernidade.

Diante destes pressupostos, o autor inicia tratando da dificuldade de se trabalhar o texto bíblico, pois é antigo, escrito em outra língua e distante do leitor contemporâneo em, pelo menos, dois aspectos: temporal e divino. E estes precisam ser transpostos para que se possa chegar à mensagem. No aspecto temporal, o distanciamento está na questão contextual,

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teologia, Faculdade Batista do Paraná. Especialista em Ética pela PUC-PR. Coordenador de Estágio e professor de Ética na Faculdade Fidelis. Professor e capelão no Colégio Erasto e pastor da Igreja Evangélica Menonita de Curitiba. E-mail: [matheus.negri@hotmail.com](mailto:matheus.negri@hotmail.com)

cultural, linguística e autoral. Já no quesito divino, o distanciamento se dá no quesito natural, espiritual e moral.

Depois de levantar as dificuldades quanto à possibilidade da interpretação, o autor passa a trabalhar a história da interpretação. Primeiramente analisa os intérpretes que se encontram fora da comunidade cristã. Os próprios autores do Antigo Testamento tinham as Escrituras em alta estima, isto é, infalível e inspirada por Deus e de claro propósito aplicativo. Os rabinos, que possuíam métodos próprios de interpretação, que não auxiliam o intérprete atual em sua empreitada, pois carecem de exatidão quanto ao tempo, autoria e compreensão. A comunidade de Qumran, que auxilia o intérprete atual no entendimento do tipo de interpretação praticada no ambiente onde cristianismo veio a nascer. Filo de Alexandria, sua importância está na influência que exerceu nos primeiros intérpretes cristãos que seguiram a escola do método alegórico. Flávio Josefo, contemporâneo de Jesus e dos apóstolos, contribui para o entendimento do uso cristão das Escrituras. E também o uso do Antigo Testamento pelos autores do Novo Testamento, tema de grande importância para o estudante da interpretação bíblica e que revela a reverência que os autores neotestamentários tinham das escrituras do Antigo Testamento. Segue assim para definir as bases da interpretação bíblica no decorrer da história.

Na sequência, o autor aborda o desenrolar da história da interpretação bíblica da era pós-apostólica até a pós-modernidade, procurando apresentar os pontos fortes e fracos e evidenciando que os mesmos problemas e questões da hermenêutica afligem os cristãos de todos os períodos. No período pós-apostólico, 2º até o 4º século, estão as escolas de interpretação dos alexandrinos, alegóricos e antioquianos, reação aos alexandrinos voltados para o sentido literal do texto bíblico. No período do 4º e 5º século viveram os, assim chamados, pais latinos, cujas obras foram escritas em latim. Destes, o de maior destaque para a igreja ocidental foi Agostinho, e de todo o seu pensamento sobre a interpretação bíblica prevaleceu que havia um sentido além do literal nas palavras da Bíblia. No período chamado de medieval, houve uma intensa atividade hermenêutica na perspectiva alexandrina, que de certa maneira coincide com a decadência da igreja medieval. Mas algo próximo ao método gramático-histórico subsistiu, pois no final da Idade Média houve um grande interesse neste método, o que preparou o caminho para a hermenêutica dos reformadores.

Este movimento hermenêutico, a Reforma Protestante, possui como característica básica a volta aos princípios hermenêuticos da escola de Antioquia, princípios estes baseados na soberania de Deus e na escritura como palavra de Deus. Porém houve um retrocesso destes princípios norteadores da Reforma Protestante no período subsequente, chamado de escolasticismo protestante. Porém, com o advento puritanismo os princípios reformados se mantiveram vivos.

O Iluminismo é um movimento, surgido no século 18, que em vários aspectos se configura como uma revolta contra o poder da religião institucionalizada e geral. Seus teóricos concordavam de que Deus deveria ficar fora do conhecimento humano, causando um profundo impacto na hermenêutica cristã. Este racionalismo acabou não produzindo um resultado satisfatório, e os próprios intérpretes racionalistas perceberam as limitações de seu

método. Pois tentou retirar os aspectos sobrenaturais da Bíblia, tornando a palavra de Deus em um testemunho de fé do povo de Israel e da Igreja Primitiva.

A hermenêutica bíblica sempre acompanhou os movimentos da história, e com a chegada da pós-modernidade não foi diferente. Profundas mudanças têm acontecido à hermenêutica geral neste período, levando a uma pluralidade na interpretação que beira o absurdo, que no caso da interpretação bíblica não poderá ter êxito, pois a própria Bíblia parte de um pressuposto na objetividade da verdade. Pelas hermenêuticas pós-modernas a mensagem bíblica se torna inacessível à igreja, pois o pregador pode, no máximo, pregar apenas uma interpretação sua do texto. Assim, não resta base objetiva para a doutrina, prática, decisões e ensinamentos da igreja.

Após este panorama crítico-histórico sobre as interpretações bíblicas, Lopes passa a analisar de forma individual seis personagens da história recente e suas contribuições para a academia protestante na pós-modernidade no que tange à interpretação bíblica e sua possibilidade. Estes são: F. Schleiermacher, e a hermenêutica liberal; R. Bultmann, e a desmitologização; K. Barth, e com o método histórico-crítico, mas separado dos resultados desta escola; Suassure, com o estruturalismo; Gadmer, e a filosofia do entendimento; Derrida, e o desconstrucionismo. Depois passa a tratar as próprias correntes pós-modernas como o estruturalismo, desconstrutivismo, teologias libertárias e a hermenêutica da suspeita. E assim define que, quanto à hermenêutica pós-moderna, os autores possuem em comum a rejeição autoral, pluralidade de sentido, a decisiva participação dos pressupostos e o ambiente do leitor como fator para a produção do sentido de um texto.

Finaliza sua obra com uma discussão sobre a possibilidade de uma exegese bíblica coerente e comprometida com a autoridade e infalibilidade das Sagradas Escrituras. Deste modo conclui que o método gramático-histórico é o melhor, comprovando sua tese inicial.

Ao que parece o autor leu, não somente os livros principais sobre o assunto, como também consultou especialistas nas questões em que não é fluente, como o Dr. Mauro Meister, em interpretação do Antigo Testamento, Dr. Franklin Ferreira, sobre Karl Barth, e Ms. Robério Odair Basílio, sobre as tendências contemporâneas da crítica literária. Porém carece de notas de rodapé, mas, como menciona o próprio autor, foram deixadas de lado para ajudar o público leigo e diminuir o tamanho do texto. Para um leitor que busca uma pesquisa profunda sobre o tema a carência de notas prejudica a leitura, mas para tanto o autor deixou uma bibliografia para consulta.

Procurou sempre apresentar lições por parte de cada linha metodológica; este é um ponto muito relevante da obra, pois não exclui aprender com o diferente, mesmo possuindo posições e fundamentos contrários. O autor poderia ter trabalhado de maneira melhor, digo dado mais atenção, à hermenêutica no contexto brasileiro como: teologia da libertação, pois causou um grande impacto na teologia dos seminários brasileiros; teologia católica carismática, pois tem renovado a forma de abordar tanto as Escrituras como também a fé católica, e vem crescendo a passos largos no país; e como também a hermenêutica da missão integral e dos novos movimentos carismáticos, que têm surgido por todo país por meio de

comunidades. Por fim, fazer de sua obra não só uma crítica histórica aos métodos hermenêuticos, mas também privilegiar os leitores brasileiros com uma obra contextualizada.

Desta forma, atinge satisfatoriamente seu objetivo de apresentar as mais variadas correntes interpretativas no decorrer da história sobre a hermenêutica bíblica numa perspectiva reformada e gramático-histórico. Diante de seus pressupostos, que não podem ser retirados do texto, o método gramático-histórico é a melhor forma de hermenêutica, pois mantém a escritura em alta estima da mesma maneira que era para os autores do Antigo e Novo Testamento.